**RESGATE - HISTÓRIAS E MEMÓRIAS NA TOPONÍMIA DE UM**

**BAIRRO QUILOMBOLA**

Amilca Maria de Lima Fernandes[[1]](#footnote-1) amilcafernandes@gmail.com

Ana Maria Martins Souto[[2]](#footnote-2) annasouto51@gmail.com

Tais Danila Macêdo da Cruz[[3]](#footnote-3) [tais.cruz@enova.educacao.ba.gov.br](mailto:tais.cruz@enova.educacao.ba.gov.br)

Thaís França de Barros Conceição[[4]](#footnote-4) [thaisfranca81@hotmail.com](mailto:thaisfranca81@hotmail.com)

RESUMO

A finalidade deste trabalho é investigar as histórias e as memórias preservadas na toponímia do Resgate, bairro integrante do Quilombo Cabula. Os pressupostos teórico-metodológicos em uso são os da Lexicologia, defendidos por Abbade (2011), Bidermann (2001), Seabra (2015), Nascimento e Andrade (2017), Souza (2010), essencialmente os da Toponímia propostos por Dick (1990), dentre outros O objetivo deste trabalho é documentar essas histórias e memórias na toponímia deste bairro quilombola. A metodologia utilizada para esta etapa de investigação foi revisão da literatura, entrevistas com antigos moradores, transcrições das entrevistas e elaboração das fichas léxico-toponímicas. Como considerações parciais, haja vista a continuidade desse estudo, quando se nomeia um lugar, a história e a cultura ficam registradas através desse nome, ou seja, através da língua as marcas culturais da comunidade são preservadas.

Palavras-chave: Onomástica; Toponímia; Memória.

**1 INTRODUÇÃO**

Em Salvador, capital do Estado da Bahia, há um bairro denominado Resgate, situado no Quilombo Cabula, “Miolo” área central da Cidade. Essa expressão, “Miolo”, é utilizada para demarcar áreas rurais e produtivas foi colocada em uso na década de 1970, tomando como referência os estudos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador (PLANDURB), que buscou um termo para denominar esses espaços.

Foi construída uma igreja católica no início da Estrada do Cabula, daí começaram a surgir casas nas proximidades, chácaras, assim se instalou a freguesia do Resgate.

**2 SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO**

O suporte teórico-metodológico foi o da Lexicologia, integrante das ciências do léxico. Estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua e, sobretudo, as relações internas do léxico.

A Onomástica é parte da Lexicologia que estuda os nomes próprios: Subdivide-se em: Toponímia, que é o estudo dos nomes próprios de lugares (ruas, praças, fontes, rios, avenidas, pontes, viadutos, bairros...), e Antroponímia, que investiga os nomes próprios de pessoas.

De acordo com Dick (1990), a Toponímia é o estudo a respeito da motivação dos nomes próprios de lugares – topônimos – nos quais são refletidos aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente.

Quando um lugar é “batizado” por uma pessoa ou por um grupo no início de seu povoamento, de acordo com Bidderman (2001) e esse batismo passa a fazer parte da cadeia de acontecimentos que levou o denominador a associar o espaço físico ao nome, transmitindo-o, em seguida, aos membros de uma comunidade linguística. Nesse processo, quando se consegue preservar o sentido, preserva-se a informação sobre o lugar.

O nome de um lugar reflete a visão de quem o nomeia, no momento em que o faz, revelando a relação próxima entre o ser humano e os "topos", ou seja, os espaços que nomeia. Dessa forma, a toponímia recupera o significado que cada lugar carrega, independentemente de sua natureza (ISQUERDO, 1996, p. 80).

Maria Vicentina Dick (1992), pioneira no Brasil no estudo do léxico sob essa ótica, dividiu os topônimos (ou taxionomias) em duas categorias principais: de natureza física e de natureza antropo-cultural.

# 2.1 - TAXIONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA

a) Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex. Cruzeiro do Sul (AC); b) Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex. Avenida Leste-Oeste (CE); c) Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex. Igarapé Preto (AC); d) Dimensiotopônimos: topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos. Barra Longa (MG); e) Fitotopônimos: topônimos relativos aos vegetais. Ex. Flores (PE); f) Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas to- pográficas. Ex. Morros (MA); g) Hidrotopônimos: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex. Cachoeirinha (RS); h) Litotopônimos: topônimos relativos aos minerais ao à constituição do solo. Ex. Areia (PB); i) Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex. Chuvisca (RS); j) Morfotopônimos: to- pônimos relativos às formas geométricas. Ex. Volta Redonda (RJ); l) Zootopônimo: topônimos referentes aos animais. Ex. Cascavel (CE)

# 2.2 - TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPO-CULTURAL

1. Animotopônimos (ou Nootopônimos): topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex. Vitória (ES); b) Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex. Bar- bosa (SP); c) Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais. Ex. Coronel Ezequiel (RN);

d) Corotopônimos: topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex. Seringal Quixadá (AC); e) Cronotopônimos: topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a). Ex. Nova Aurora (GO); f) Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações em geral. Ex. Chalé (MG); g) Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex. Jangada (MT); h) Etnotopônimos: topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex. Capixaba (AC); i) Dirrematopônimos: topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos. Ex. Passa e Fica (RN); j) Hierotopônimos: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Ex. Capela (AL). Esse categoria subdivide-se em: i. Hagiotopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológio católico romano. Ex. Santa Luzia (BA) ii. Mitotopônimos**:** entidades mitológicas. Ex. Exu (PE); l) Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas. Ex. Plácido de Castro (AC); m) Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural. Ex. Ponte Alta (SC); n) Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex. Dois vizinhos (PR); o) Poliotopônimos: topônimos relativos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, ar- raial. Ex. Vila Nova do Mamoré (RO); p) Sociotopônimos: topônimos relativos ás atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos. Ex. Pracinha (SP); q) Somatopônimos: topônimos relativos metaforicamente ás partes do corpo humano ou animal. Ex. Braço do Trombudo (SC).

A história de uma territorialidade afro-brasileira não se apaga, permanecendo preservada nas memórias dos mais velhos e constituída por uma série de histórias interconectadas. Por isso, buscamos moradores antigos para partilhar conosco esses saberes oriundos das experiências que eles tiveram. Nicolin (2016), *apud* Maurice Halbwachs (2006, p.40) disse que a "memória coletiva", um "corpo-lugar" de uma coletividade mantém o passado ancestral e assegura a continuidade das culturas originárias. Em outras palavras, "para o grupo negro, o território como um todo é um patrimônio a ser respeitado e preservado" (Sodré, 2002 b, p. 168). Nesse sentido, a memória é um território tanto físico quanto espiritual, um lugar onde se guarda a cultura das experiências diárias, desde a tradição oral até a vida cotidiana nas comunidades.

Bosi (2003) destaca a importância da memória dos idosos para um grupo social, argumentando que, ao valorizar as lembranças dos mais velhos, a sociedade pode não apenas entender melhor seu passado, mas também reconhecer e respeitar a experiência e sabedoria acumuladas ao longo da vida. Segundo a autora, as narrativas dos idosos são ricas em detalhes e oferecem uma visão diversificada da experiência humana, abordando temas como trabalho, família, migração, festas, religião e resistência política. Cada relato é uma peça única do mosaico cultural brasileiro, proporcionando uma perspectiva íntima e pessoal da história do país.

**3 ANÁLISE TOPONÍMICA**

3.1 - Topônimo – CABULA - Taxionomia - Hierotopônimo

Cabula" /kimbula/ origina-se da língua Quicongo, pertencente ao grupo linguístico banto. Para os escravizados e sequestrados no século XVI, o termo "Cabula" foi escolhido para dar nome ao Quilombo Cabula, por ter significado de natureza simbólica e litúrgica na comunidade africana congo-angola, com sentido de um "Local de Distanciamento de Aflições".

A ocupação do território denominado Cabula remonta ao período colonial, quando povos negros de origem banto e iorubá, fugitivos do domínio opressor colonialista passaram a habitar essa área, então coberta pela Mata Atlântica. Os indígenas da etnia tupinambá também viviam em harmonia, no quilombo.

.O Conde da Ponte, Governador e capitão general da capitania da Bahia, João Saldanha da Gama, ordenou ao Capitão-Mor das Entradas e Assaltos do Termo da Cidade do Salvador, Severino da Silva Lessa, invadir o Quilombo, que matou, derrubou casas e aprisionou quilombolas e forros, em 29 de março de 1807.

Com o objetivo de evitar novos movimentos de resistência na localidade, começaram a surgir fazendas e chácaras, produzindo frutas variadas, legumes, verduras e a famosa laranja de umbigo. Esses produtos eram vendidos em Salvador e até exportados.

Houve uma praga que dizimou os laranjais, as chácaras foram sendo vendidas, e assim, no território Cabula, surgiram os bairros Arenoso; Arraial do Retiro;  Beiru;  Cabula;  Doron;  Engomadeira;  Estrada das Barreiras;  Fazenda Grande do Retiro;  Mata Escura;  Narandiba;  Novo Horizonte;  Pernambués;  Resgate;  Saboeiro;  São Gonçalo do Retiro;  Saramandaia e Sussuarana.

3.2 – BECO DO FRANCELINO - Taxionomia – Antropotopônimo

Um homem negro que possuía um curral nessa localidade, com algumas vacas, sendo a produção do leite comercializada no local, produto esse requisitado por muitas pessoas. Francelino vendia todo o leite, por muito tempo.

No final do Beco do Francelino havia a Fazenda Coqueiros, da família Martins Catharino, cujas delimitações do terreno, caracterizado por uma topografia irregular, se conectava às áreas próximas à rua Tomás Gonzaga, até a parte de trás do Centro Social Urbano de Pernambués,

**Figura 1** – Parte do Mapa da Cidade do Salvador, em 1952

|  |  |
| --- | --- |
|  |  |

Fonte: http://www.cidade-salvador.com/mapas.htm

Nesse mapa de 1952, percebemos as localizações das Fazendas coqueiro (Resgate) e da Fazenda Campo Seco (Beiru).

Em processo de apagamento dessa memória rural e quilombola, através da Lei nº2051, de 04/09/1967, a artéria popular chamada Beco do Francelino, no bairro do Cabula, passou a denominar-se Rua Nossa Senhora do Resgate.

3.3 - TOPÔNIMO – RESGATE - Taxionomia – Hierotopônimo

De acordo como Nascentes (1955), resgatar tem origem no latim *recaptare,* composto do prefixo *re*-, (outra vez”, mais *captare*, “pegar, tomar de volta, agarrar”, bastante significativo, uma vez que a área foi “resgatada” pelo Conde da Ponte, que tratou imediatamente de providenciar a construção de igreja católica, para dar continuidade ao processo “resgate” da área e consequentemente apagamento gradual da memória do quilombo.

Encontramos na colonização portuguesa a possível origem para a denominação do topônimo, possivelmente ligada à devoção existente desde o século XVI a Nossa Senhora do Resgate das Almas, cuja igreja está instalada, na Rua dos Anjos, 72 ,em Lisboa.

**Figura 2** - Capela Nossa Senhora do Resgate - Lisboa



Fonte: Google, 2024

Hoje possui 34 ruas, numa área de 44,3 hectares, o que corresponde a 0,44 km2, com 5.946 habitantes.

As ruas do bairro eram denominadas por números - Numerotopônimos. Contudo, por determinação da Prefeitura, as ruas foram rebatizadas, sendo: Antropotopônimos – Clóvis Moura, Sosígenes Costa, Angelina Soares, Cândido dos Santos, Dias da Costa; Corotopônimos - Niterói, Petrópolis, Macaé, Caculé, Cruz das Almas, Piritiba, Ibicaraí, Itororó, Madre de Deus, Maraú, Inhambupe, Condeúba, Andaraí, Aratuípe, Aramari, Alcobaça; Zootopônimos – Rua dos Colibris, Rua das Gaivotas, Rua dos Canários, Rua dos Bem-te-vis, Rua dos Beija-Flores; Hagiotopônimos – Rua Nossa Senhora do Resgate e Alameda Nossa Senhora do Resgate; Geomorfotopônimo – Rua Planalto; Historiotopônimo - Thomaz Gonzaga, sendo que essa última localiza-se parte no Resgate e parte em Pernambués.

Em 05 de outubro de 1960, através da Lei número 1074, o então prefeito da cidade, Sr. Heitor Dias, torna público que a artéria pública do Jardim Brasília situado no Bairro do Cabula, subdistrito de Santo Antônio, passa a denominar-se Rua Nossa Senhora do Resgate, o que nos leva a inferir que a extensão do bairro Resgate era bem maior do que a atual.  
 Dando continuidade ao processo de apagamento, a nome Estrada do Cabula ,em 1965 ou 1966 mudou para Rua Silveira Martins– Taxionomia: Antropotopônimo. Gaspar da Silveira Martins foi deputado geral, presidente de província do Rio Grande do Sul, ministro da Fazenda e Senador do Império de D. Pedro II, portanto, nenhuma conexão com a história da localidade.

**4 RESGATE NA MEMÓRIA DOS MAIS VELHOS**

Até a década de 1960 havia no início da Estrada do Cabula uma guarita do 19 BC, com um sentinela. Essa Estrada era de barro, se estendendo até as instalações do Batalhão de Cavalaria.

No início do Beco, bem na esquina, havia um bar denominado Pioneiro, de propriedade do espanhol chamado Camilo Garrido, onde as pessoas se reuniam para consumir produtos e socializar, sendo o local mais conhecido dessa região do Cabula. Na esquina desse bar uma baiana muito bem trajada e simpática, a Sra. Lourença que vendia quitutes, vestida a rigor.

**Figura 3 – Local onde havia o bar O Pioneiro**



Fonte: Google Maps - 2024

Logo na entrada, à esquerda, havia uma avenida de casas geminadas com um banheiro comunitário, pertencentes ao espanhol Camillo Fernandez Garrido.

Um cantor de forró que gravou músicas tradicionais do gênero pé-de-serra, cantando a saudade que sentia. Mencionava a roça de Camilo e a beleza de Pilar. Pilar era filha de Camilo, o espanhol que morava em frente à igrejinha do Largo do Cabula, dono do bar O Pioneiro.

Saudade do Cabula

|  |  |
| --- | --- |
| Ô puxa, ô puxa o fole , aguenta o rojão  Até dá raio domingo, sem pena, sem compaixão  Vou embora desta terra, eu aqui não vou ficar  Vou matar minha saudade lá na roça de Iaiá  No largo do Cabula em dois tamarineiros  Onde chora a saudade o povo lá do Saboeiro  Na safra da laranja convidava o mundo inteiro  Na roça de Pompilho, aculá de Baleeiro  Um cento de laranja, dez de quebra com um cruzeiro  Só resta de lembrança toco velho e formigueiro | Ô puxa, ô puxa o fole , aguenta o rojão  Até dá raio domingo, sem pena, sem compaixão  Vou embora desta terra, eu aqui não vou ficar  Vou matar minha saudade lá na roça de Iaiá  Quando eu lembro do Cabula, que saudade que me dá  Da venda de Camilo e da beleza de Pilar  Da avenida Hilda dos Pernambués  E do forró de Olegário onde eu briguei com dez  Ô puxa, ô puxa o fole , aguenta o rojão  Até dá raio domingo, sem pena, sem compaixão  Vou embora desta terra, eu aqui não vou ficar  Vou matar minha saudade lá na roça de Iaiá |

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=DfpIZTG0HUo

Continuou o processo de “resgate” – apagamento da história local, uma vez que as chácaras e fazendas foram vendidas e foram surgindo os conjuntos habitacionais.

Através do Decreto número 4493, de 21 de setembro de 1973, o prefeito da Capital Baiana aprova o "Conjunto Habitacional COHEMA-COHSEB", a ser construído na Rua N. Sra. do Resgate, antigo Beco do Francelino, no Cabula. Em seguida, surgiram os conjuntos habitacionais: Recanto dos Pássaros, Solar das Árvores, Colina Verde, Jardim Cabula, Vale do Sol, Colina Verde, e um mini shopping.

Havia uma rua conhecida como Rua da Pomboca, porque nessa localidade existia um abatedouro de aves com esse nome.. Posteriormente, a rua foi renomeada para Edgar Loureiro, perdendo assim a referência na memória coletiva. A Pomboca originalmente não se referia a uma rua, mas sim à casa que comercializava aves.

Havia formas peculiares de se referir às ruas, no Resgate. Faziam referência à Rua de Baixo para indicar uma das vias principais. Essa rua fica situada ao descer na esquina do Pão, entre a Rua do Meio, também chamada de Rua do Correio, e a própria Rua de Baixo.

Segundo relatos de um informante, havia um pelourinho, instrumento de tortura utilizado para punir escravos, localizado na entrada da Rua 4, atualmente denominada Rua das Gaivotas, próximo à entrada da Fazenda Coqueiros, de propriedade da família Martins Catharino.

Quando se menciona a laranja do Cabula, refere-se à laranja reconhecida nesta área do Resgate, que desfrutava de uma reputação por sua doçura singular. Era comum as pessoas virem o Resgate para adquirir essa variedade de laranja, que era cultivada nas fazendas e chácaras existentes. A expressão "laranja do Cabula" era utilizada anteriormente para se referir a essa fruta específica proveniente dessa localidade.

**5 CONSIDERAÇÕES**

O objetivo deste trabalho foi registrar as histórias e as memórias do bairro quilombola Resgate, situado na Capital Baiana.

O topônimo cristaliza, materializa o olhar, a ideia, a intenção do denominador no momento em que nomeia um determinado lugar (assim o denominador “se apropria daquele local”), deixando transparecer a estreita relação estabelecida entre o homem e os topos” que designam o espaço que está inserido. Assim, “a Toponímia resgata a substância de conteúdo que cada topo carrega consigo, independente da sua natureza” (ISQUERDO, 1996, p. 80). Quer dizer: o nome do lugar carrega uma história.. Pode-se perceber essa ocorrência na “necessidade” de rebatizar a Estrada do Cabula, Rua da Pomboca, Rua do Meio, Beco do Francelino, mudanças essas que não têm relação com a identidade local, história e memória do Resgate, com base nos pressupostos da Toponímia defendida por Maria Vicentina do Amaral Dick. Pode-se perceber, também, com essas mudanças de topônimos a força e a intenção do dominador.

Ainda de acordo com Dick (1990), cada rua, travessa, beco, colégio, avenida quando recebe um nome, a nossa história e a nossa cultura ficam registradas através desse nome, ou seja, através da língua preservamos tudo isso. Entretanto, a classe dominante muda a denominação dos topônimos sem levar em consideração essas peculiaridades, sem nem consultar os que irão aprender a conviver com essas mudanças.

Foram feitas revisões da literatura, entrevistas com antigos moradores, transcrições das entrevistas e elaboração de fichas toponímicas, para futuros estudos. As entrevistas foram conduzidas de maneira descontraída, permitindo que os participantes falassem livremente sobre suas experiências e percepções sobre o bairro. Observamos que s moradores do Resgate referem-se às ruas por número, como aprenderam com os mais velhos, não pelos nomes atuais.

Observamos que os entrevistados sentiam satisfação ao serem questionados sobre suas vivências; vimos sorrisos e a expressão de que "alguém vai registrar a nossa história". Isso nos motiva a dar continuidade a esta pesquisa, continuar ouvindo, respeitando e os saberes de pessoas mais velhas, porque através do léxico esses conhecimentos são passados de geração a geração, haja vista que essas experiências são essenciais para a construção de uma ideia de continuidade, tanto para o individual quanto para o coletivo.

**REFERÊNCIAS ORAIS**

BRITO, Domingo José de Abreu. Entrevista III[ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

CRUZ, Célia Maria . Entrevista VI [ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

MORAES, Iverson Cardoso Moraes. Entrevista I [ abril/maio. 2024]. Concedida a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

GUERRA, Helena . Entrevista VII [ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

JESUS, Telma de. Entrevista XI [ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

LUSTOSA, Ceres Maria Lustosa . Entrevista IX [ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

LEITE, Luiz Cerqueira . Entrevista X [ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

PAIXÃO, Valdevina Silva da. Entrevista II [ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

PAIXÃO, Valdevina Silva da. Entrevista IV [ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

SANTOS, Júlio César dos. Entrevista V [ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

SANTOS, Nailton Oliveira dos . Entrevista VIII [ maio. 2024]. Concedida a a Tais Danila Macêdo da Cruz Campos. Salvador, 2024.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABBADE, Celina Márcia de Souza. **A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais**. In: Cadernos do CNLF, Vol. XV, No 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. **Campos lexicais no Livro de Cozinha da Infanta D. Maria**. Tese de Doutoramento. UFBA. Salvador, 2003.

BIDERMANN, M.T.C. **As ciências do léxico**. USP. S.Paulo, 2001.

DICK, M V de P do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** Geo Arquivo do Estado São Paulo, 1990

DICK, M V P A. **Toponímia e antroponímia no Brasil.** Coletânea de estudos São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Toponímia Urbana: Um Estudo de Caso a partir de dados do Atems. In:** As ciências do léxico. Vol. IX. UFMS: Campo Grande – MS, 2020.

ISQUERDO, A. N. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural.** Tese (Doutorado em Letras)- UNESP, 1996.

NICOLIN, Janice de Sena. **Cabuleiro: Um tom de Memória do Cabula**. Salvador, 2015. 290p.: Il. Tese de Doutorado - Universidade do Estado da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade.

BAIRROS DE SALVADOR. Disponível em: <https://dados.salvador.ba.gov.br/pages/bairros-de-salvador>. Acessado em: 20/07/2024.

BOSI, Ecléa .**Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CAPELAS EXTINTAS. Disponível em: <http://www.bahia-turismo.com/salvador/igrejas/capelas-extintas.htm>. Acessdo em: 25/07/2024.

Igreja Nossa Senhora do Resgate. Lisboa-PT. Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4737>. Acessado em: 28/07/2024.

LEIS MUNICIPAIS. Disponíveis em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/1967/206/2051/lei-ordinaria-n-2051-1967-denomina-rua-nossa-senhora-do-resgate-uma-arteria-publica-do-subdistrito-do-cabula>. Acessado em: 20/06/2024.

LEIS MUNICIPAIS. Disponíveis em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/decreto/1973/450/4493/decreto-n-4493-1973-aprova-o-conjunto-habitacional-cohema-cohseb-e-respectivo-loteamento-e-da-outras-providencias>. Acessado em: 20/06/2024.

OBSERVATÓRIO DOS BAIRROS. Disponível em: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/resgate>. Acessado em: 13/07/2024.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Os quilombos brasileiros** – Departamento de Cultura da SMEC, Arquivo Público do Estado da Bahia – Salvador, 1973.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago: 2002 b

**LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1** – Parte do Mapa da Cidade do Salvador, em 1952

**Figura 2** - Capela Nossa Senhora do Resgate - Lisboa

**Figura 3 –** Local onde havia o bar O Pioneiro

1. Mestra em Estudo de Linguagens; professora da rede pública estadual; integrante do grupo de pesquisas Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo – SSEETU/UNEB [↑](#footnote-ref-1)
2. Especialista em Gestão Governamental, professora da rede pública estadual; vice-diretora do Colégio Estadual Clarice Santiago dos Santos ; integrante do grupo de pesquisas Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo – SSEETU/UNEB [↑](#footnote-ref-2)
3. Especialista em Psicopedagogia; professora da rede pública estadual; integrante do grupo de pesquisas Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo – SSEETU/UNEB [↑](#footnote-ref-3)
4. Professora de Matemática da EJA, Colégio Estadual Clarice Santiago dos Santos. [↑](#footnote-ref-4)